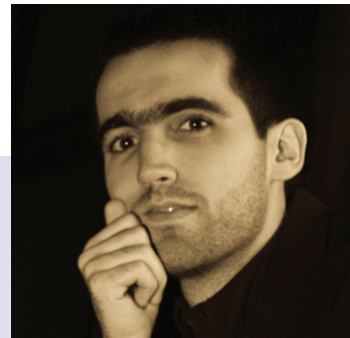


# O futuro da indústria discográfica



João Costa Ferreira  
pianista  
mail@joaocostaferreira.com



**F**oi a recente decisão da administração da editora discográfica portuguesa TOAP de pôr fim às suas atividades — atividades dedicadas ao jazz que vinham desenvolvendo desde o ano de 2001 — que me motivou a escrever este artigo. Num anúncio publicado em *jazz.pt* pode ler-se que tal decisão deveu-se às “*baixas vendas do seu catálogo [que] tornaram incompatível a continuação do programa de edições*”.

Este artigo é uma reflexão com base empírica em torno da indústria discográfica, que analisa as tendências mais significativas a fim de vislumbrar um cenário provável daquilo a que se assemelhará o futuro e poder, em consequência, compreender os problemas que as editoras discográficas enfrentam nos tempos que correm e as necessidades urgentes que elas têm de se transformarem. Não pretendo com isto referir-me ao caso específico da editora TOAP — cujo processo, aliás, desconheço — mas sim à indústria discográfica em geral.

A análise que aqui é feita não prima pela cientificidade mas não deixa por isso de ter a sua importância já que é essa mesma análise que, muitas vezes, está na origem de decisões do quotidiano que determinam, em parte, o destino das editoras discográficas. Por exemplo, a consciência de que a venda de CDs de música tem sofrido quedas monumentais ao longo das duas últimas décadas faz-nos questionar sobre a pertinência de comprar um CD nos dias de hoje, pelos riscos evidentes dele vir depressa a tornar-se completamente obsoleto. Não seria de todo desmesurado admitir a possibilidade de um dia ser considerado um luxo possuir, ou mandar reparar, um leitor de CDs. Esta ideia pode parecer absurda aos olhos de muitos, mas quando pensamos, por exemplo, na extrema dificuldade que existe hoje de reproduzir certas obras musicais acusmáticas do início da segunda metade do século XX pelo facto do material eletrónico com

que foram compostas já não se fabricar (ou cuja fabricação traria custos inoportáveis para os interessados), quando pensamos na dimensão exponencial da evolução tecnológica e quando pensamos no consumismo frenético e crescente que invade a nossa sociedade e que nos incita a adquirir e a rejeitar tão depressa quanto possível, o cenário sugerido anteriormente torna-se bastante plausível.

Pegemos, justamente, na questão da descida drástica de venda de CDs que tem assolado, ao longo das duas últimas décadas, a indústria discográfica. Este fenómeno coincide, manifestamente, com o aparecimento e vulgarização do mp3 (formato de ficheiro áudio comprimido) que permitiu, entre muitas outras coisas, desafogar prateleiras. A isto junta-se a facilidade que existe em copiar e partilhar estes ficheiros sem que uma legislação forte evita ou puna estes atos. Na verdade, a legislação, ou a sua aplicação, é tão branda que pouca gente tem consciência de que o ato de copiar e partilhar ficheiros de música protegidos pelos direitos de autor constitui crime. Noutros casos, o gesto tornado corriqueiro cegou a consciência. O mesmo acontece com a fotocópia ilegal de partituras. Aliás, os desafios que enfrentam as editoras discográficas não são muito diferentes dos desafios que as editoras musicais têm enfrentado face à existência da fotocopiadora.

Apesar destes factos, algumas editoras discográficas têm sobrevivido e têm surgido iniciativas independentes por parte de alguns músicos de gravarem e editarem os seus próprios CDs (muitas vezes recorrendo ao *crowdfunding*) com vista a promoção do seu trabalho. No meu entender, isto representa os resquícios naturais resultantes de uma fase de transição. Uma das principais razões que explicam este fenómeno encontra-se no anacronismo da apreciação que é feita relativamente às circunstâncias da gravação do disco. Com efeito, gravar um CD constitui ainda um sinal de qualidade artística, qualidade essa que uma plataforma da Internet ainda não confere — imagem semelhante à de um livro que, por estar impresso em papel, é visto muitas vezes como sendo mais credível do que um *ebook*.

Parece-me óbvio que as transformações a que a indústria discográfica tem sido sujeita, com as necessidades de se adaptar ao mercado passando, por exemplo, a vender os seus produtos através de plataformas como o iTunes ou disponibilizá-los através de serviços de *streaming* como o Spotify, vão fazê-la desaparecer tal como a conhecemos hoje — com o nome de “indústria discográfica” — e fazer nascer uma nova indústria. O CD áudio tem, por isso, os seus dias contados. **L■**